



Faculdade de Educação Física

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação

INFLUÊNCIA DA METODOLOGIA NA PARTICIPAÇÃO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

TEURY LUISE ALVES SANTANA

Orientador:
Prof. Dr. Paulo Henrique Azevêdo

Brasília, julho de 2017

TEURY LUISE ALVES SANTANA

INFLUÊNCIA DA METODOLOGIA NA PARTICIPAÇÃO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Artigo apresentado com requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Educação Física – Licenciatura, na Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Henrique Azevêdo.

Brasília, julho de 2017

TEURY LUISE ALVES SANTANA

INFLUÊNCIA DA METODOLOGIA NA PARTICIPAÇÃO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Paulo Henrique Azevêdo (Orientador)

Faculdade de Educação Física – Universidade de Brasília

Prof. Dr. José Gustavo Souza de Alvarenga (Membro)

Faculdade de Educação Física – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Victor Lage (Membro Suplente)

Faculdade de Educação Física – Universidade de Brasília

Influência da metodologia na participação das aulas de Educação Física.

Resumo

Esta pesquisa analisou aulas de Educação Física do Centro de Ensino Fundamental 410 Norte – CEF 410N. O objetivo do estudo foi o de verificar se existe aumento na participação dos alunos durante as aulas de Educação Física, quando utilizados modelos de aula distintos (A e B). Foi um estudo de caso que investigou situação para obter uma compreensão que contribuísse na explicação de casos similares. Os resultados indicaram que, na escola pesquisada, por meio de diários de campo e observações, houve maior participação dos discentes nas aulas de Educação Física quando utilizado o modelo B.

Palavras-chave: Participação, Educação Física, Metodologia.

Introdução

Inicialmente denominada Ginástica, a Educação Física escolar no Brasil ocorreu oficialmente com a Reforma Couto Ferraz, em 1851. No entanto, foi somente em 1882, que Rui Barbosa denota importância à Ginástica na formação do brasileiro, relatando a situação da Educação Física em países mais adiantados politicamente e defende-a como elemento indispensável para formação integral da juventude (Ramos, 1982).

Segundo Castellani Filho (1998), o Decreto Lei nº 705/69 (Brasil, 1969), favorecia o regime militar, desmantelando as mobilizações e o movimento estudantil que era contrário ao regime. O esporte era utilizado como um elemento de distração à realidade política da época e Educação Física estava relacionada ao fazer pelo fazer, voltada a formação de mão de obra apta para a produção (Darido e Rangel, 2005).

Durante a década de 1980, a resistência à concepção biológica da Educação Física, foi criticada em relação ao predomínio dos conteúdos esportivos (Darido e Rangel, 2005). Atualmente, coexistem na Educação física, diversas concepções, modelos, tendências ou abordagens, que tentam romper com o modelo mecanicista,

esportivista e tradicional que outrora foi embutido aos esportes. Entre essas diferentes concepções pedagógicas pode-se citar: a psicomotricidade; desenvolvimentista; saúde renovada; críticas; e mais recentemente os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (Brasil, 1997).

O método de ensino diz respeito às técnicas, aos recursos e procedimentos utilizados pelo professor, de forma inteligente e racional, para facilitar a aprendizagem dos alunos, ou seja, promover a mudança de comportamentos desejáveis e duradouros (MEDEIROS, 1977).

Psicomotricidade é um termo empregado para uma concepção de movimento organizado e integrado, em função das experiências vividas pelo sujeito cuja ação é resultante de sua individualidade, sua linguagem e sua socialização (SBP, 2003).

O modelo desenvolvimentista busca propiciar ao aluno condições para que seu comportamento motor seja desenvolvido, oferecendo-lhe experiências de movimentos adequados às diferentes faixas etárias (Darido e Rangel, 2005).

As abordagens pedagógicas críticas, sugerem que os conteúdos selecionados para as aulas de Educação Física devem propiciar a leitura da realidade do ponto de vista da classe trabalhadora (Darido e Rangel, 2005).

A perspectiva pedagógica saúde renovada, diferentemente das citadas anteriormente, tem por finalidade convicta e às vezes única, de ressaltar os aspectos conceituais a cerca da importância de se conhecer, adotar e seguir conceitos relacionados à aquisição de uma boa saúde (Darido e Rangel, 2005).

Com a reformulação dos PCNs, é ressaltada a importância da articulação da Educação Física entre o aprender a fazer, o saber por que se está fazendo e como relacionar-se nesse saber (Brasil, 1997).

Também conhecida como tendência Competitivista, Mecanicista ou Tecnicista, a tendência Esportivista é muito representativa na área da Educação Física Escolar. Seus métodos, conteúdos, formas e meios prioriza, como o nome já informa, a prática esportiva, com todas as suas normas, técnicas, táticas e busca de performances. Talvez esta seja a tendência que mais raízes deixou na prática da Educação Física Escolar (FERREIRA, 2009).

A Tecniciста valoriza o desempenho, a aptidão física, a coordenação motora e os movimentos estão em destaque quase que exclusivamente durante as aulas. Desta forma, os desenvolvimentos dos conteúdos socioculturais deixam de ocupar espaço dentro do projeto político pedagógico da Educação Física escolar. A proposta pedagógica em Educação Física é uma proposta competitivista, com os conteúdos centrados nos esportes, dentro de uma visão biológica, que objetiva a performance e o rendimento motor (KUNZ, 1994)

Outra metodologia que pode ser utilizada é a Lúdica, que pode ser abordada por meio de jogos e brincadeiras, auxiliando no desenvolvimento da criança. De acordo com PIAGET (1971), “o desenvolvimento da criança ocorre a partir do lúdico; ela precisa brincar para crescer e precisa do jogo como forma de se equilibrar com o mundo”.

As brincadeiras são uma atividade dominante na infância, durante a brincadeira, as crianças podem pensar e experimentar situações novas, ou mesmo do seu cotidiano, isentas das pressões situacionais (KISHIMOTO, 2003).

Segundo Dias (2000), os jogos e brincadeiras permitem ao professor a construção da sua autoaprendizagem, a utilização dos materiais disponíveis e o reconhecimento e exploração do meio físico. Além de possibilitar ao professor uma visão crítica das suas atitudes.

Observando a realidade das escolas de Brasília, constata-se o desinteresse de alunos nas aulas de Educação Física. Segundo Darido (2004), uma das hipóteses possíveis para o número reduzido de aderentes à prática da atividade física pode residir nas experiências anteriores vivenciadas nas aulas regulares de Educação Física. Muitos discentes acabam não encontrando prazer e conhecimento nas aulas de Educação Física e se afastam da prática na idade adulta.

Mesmo com essa diversidade de modelos e concepções pedagógicas disponíveis, percebe-se modelos tradicionais sendo aplicados na Educação Física escolar do Brasil.

Neste contexto, o objetivo do estudo foi analisar a participação dos alunos nas aulas de Educação física, do Centro de Ensino Fundamental 410 Norte - CEF 410N, quando baseadas em modelos de aulas distintos.

Materiais e métodos

Este trabalho utilizou como método de pesquisa, o modelo Estudo de Caso para investigar a participação dos alunos nas aulas de Educação Física. Para Thomas e Nelson (2002), Estudo de Caso é um tipo de pesquisa que investiga um caso (fenômeno ou situação) em profundidade para obter uma ampla compreensão, a qual poderá contribuir para explicar casos similares.

Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados: observações e diário de campo. Por proximidade, as observações ocorreram uma vez por semana durante 13 semanas (22 de março a 07 de junho de 2016), durante as aulas de Educação Física do 8º ano do ensino fundamental, do CEF 410N. A turma era composta por 21 meninos e 16 meninas, com idade entre 13 e 15 anos.

Inicialmente foram observadas as aulas cuja técnica, tática e performance eram priorizadas (Modelo A). As aulas de Educação Física do 8º ano, do CEF 410N, foram observadas durante as seis primeiras semanas (no período entre 22 de março e 26 de abril de 2016). Nas aulas do modelo A, o professor tinha como referência o voleibol. O aprendizado dos alunos era por meio de uma breve aula expositiva, passada em sala, seguida de práticas realizadas em quadra. Após a parte expositiva o docente montava a rede de voleibol, chamava os alunos para a quadra e os dividiam em dois grupos, de meninos e meninas. A prática era realizada por meio do jogo propriamente dito, onde a maioria dos alunos ficava dentro da quadra (mesmo ultrapassando o limite máximo do jogo tradicional), e a outra parte permanecia sentada ao redor da quadra, por sua própria opção, até o término da aula. O professor não interferia nessa decisão do aluno em não participar da atividade. O docente realiza orientações aos alunos, quando era necessário.

Após o dia 26 de abril até o dia 7 de junho de 2016, foram observadas aulas cujas soluções de problemas e desafios de forma lúdica eram priorizados (Modelo B). As aulas foram ministradas por outro professor, mas para a mesma turma. No modelo B a aula era dividida em três momentos: (1) era iniciada com uma explicação no centro da quadra; (2) realização da atividade lúdica; e (3) uma avaliação geral da aula (gosto pela brincadeira, desempenho e melhorias das atividades). Foi adotado o conceito lúdico dos jogos, onde os alunos se organizavam para resolver e solucionar

os desafios propostos. As aulas eram realizadas com atividades tanto em duplas, como em grupo e individuais, respeitando a individualidade das crianças.

O Total de Alunos na Aula foi feito de acordo com a quantidade de alunos que estavam presentes. Foi considerado para a Quantidade de Participantes o número de alunos que participaram integralmente das atividades. O Percentual de Participação foi calculado da seguinte forma: Total de Alunos na Aula menos a Quantidade de Participantes. A evasão foi calculada da seguinte forma: total de alunos na aula menos a quantidade de participantes, expressos em percentual.

Limitações da pesquisa

A primeira limitação que pode ser citada está relacionada à amostra. Dentre muitas escolas do Distrito Federal, apenas uma foi analisada. Outra limitação que merece destaque é a diferença no potencial pedagógico dos docentes que participaram da pesquisa, visto que o trabalho e o desenvolvimento das aulas eram realizados de formas distintas.

Essas limitações, no entanto, não inviabilizaram os resultados encontrados.

Resultados e Análise

Após o fim do regime militar, com a volta dos estudiosos exilados do país, as pesquisas em Educação Física no Brasil aumentaram significativamente. Um dos fatores que impulsionou o aumento da produção científica na área foi, segundo Ludorf (2002), a criação dos cursos de pós-graduação Stricto Sensu, na forma de mestrado e doutorado em Educação Física na década 80. Esse novo momento representou significativa ampliação de possibilidades no planejamento e realização das aulas de Educação Física, como foi observado no estudo em questão.

As tabelas abaixo mostram o percentual de participação e evasão das aulas, de acordo com o modelo observado.

Tabela 1: Participação com o modelo A.

Semana	Total de alunos na aula	Quantidade de participantes	Percentual de participação	Percentual de evasão
1ª	36	28	77,7	22,3
2ª	37	29	78,3	21,7
3ª	36	27	75,0	25,0
4ª	34	27	79,4	20,6
5ª	36	27	75,0	25,0
6ª	33	27	81,8	18,2

A tabela 1 mostra os dados das seis primeiras (Modelo A), onde o percentual de Participação das Aulas e o Percentual de Evasão eram em média de 77,9% e 22,1% respectivamente.

Durante este período, o professor assume um caráter de técnico esportivo, com o intuito de melhorar a eficiência motora e física do aluno com ênfase nas técnicas esportivas. Conforme Almeida (2007), um fator que pode ser destacado como principal origem das dificuldades ou desinteresse na Educação Física escolar, são os conteúdos realizados nas aulas, principalmente relacionado aos esportes.

Paula e Fylyk (2009) ressaltam que com relação aos aspectos fisiológicos da fase adolescente, comprova-se que eles influenciam, na maioria das vezes ao desenvolvimento de alguns fatores psicológicos que atrapalham a participação desses alunos nas aulas, como a vergonha do corpo.

Tabela 2: Participação com o modelo B.

Semana	Total de alunos na aula	Quantidade de participantes	Percentual de participação	Percentual de evasão
7 ^a	37	37	100,0	0,0
8 ^a	36	35	97,2	2,8
9 ^a	37	35	94,6	5,4
10 ^a	35	35	100,0	0,0
11 ^a	35	35	100,0	0,0
12 ^a	35	35	100,0	0,0
13 ^a	37	36	97,2	2,8

A tabela 2 mostra os dados das sete últimas semanas (Modelo B), onde o Percentual de Participação e o Percentual de Evasão eram em média de 98,4% e 1,6% respectivamente. A participação dos alunos aumentou após a utilização do modelo B 20,5% e a evasão diminuiu 20,5%.

O trabalho em suas diferentes dimensões apresenta um maior rendimento quando o Modelo B é aplicado. É importante que durante as aulas de Educação Física, os professores procurem despertar nos alunos os interesses pelas manifestações culturais, proporcionando as mais variadas práticas corporais, sendo que a escola pode garantir o acesso dos alunos às práticas culturais diversificadas, e nada mais interessante e divertido que fazer o resgate histórico e utilizar os jogos e brincadeiras tradicionais como conteúdo nas aulas (KUNZ, 2002).

A Educação Física escolar deve garantir ao aluno a superação de dificuldades para assimilação desses conteúdos, deve propiciar incentivo para que ele caminhe na direção do ato de conhecer, deve servir para que ele viva melhor, desfrutando de uma vida de qualidade. (DE MARCO, 2006)

Conclusão

A metodologia utilizada no modelo B, comparada a utilizada no modelo A, gerou maior participação dos alunos nas aulas de Educação Física desta escola. A prática do esporte praticado na escola é importante, mas, é necessário o estímulo, à cooperação e o desenvolvimento de várias competências do aluno, e não apenas o rendimento.

O resultado obtido pode estar relacionado ao gosto pelo brincar das crianças, e o uso de conteúdos diversificados podem auxiliar no desenvolvimento integral do aluno. Além do desenvolvimento, a prática diversificada de exercícios físicos na escola, pode influenciar na permanência do aluno às atividades na vida adulta, onde o mesmo se identifica com experiências vividas na Educação Física escolar.

Referências

- ALMEIDA, P. C. **O Desinteresse pela Educação Física no Ensino Médio**. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, ano 11, n 106, Mar. 2007.
- Brasil. **Parâmetros Curriculares Nacionais : Educação física Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF 1997.
- COSTE, Jean Claude. **A psicomotricidade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- CASTELLANI F. L. **Política Educacional e Educação Física**. Campinas Autores Associados. 1998.
- DARIDO, S. C. **A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v.18, n.1, p.61-80, jan./mar. 2004.
- DARIDO, S. C. e RANGEL, I. C. A. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2005.
- DE MARCO, Ademir (org). **Educação Física: cultura e sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

DIAS, Miriam Benigna Lessa. **O jogo teatral como uma possibilidade na formação de professor.** Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2000.

FERREIRA, H.S. **Apostila para concurso de professores de Educação Física SD3: Tendências da Educação Física.** Trabalho não publicado. Fortaleza, 2009.

GAMBOA, Silvio Sanchez. **Pesquisa em Educação Física: as inter-relações necessárias.** Rev. Motrivivência, Pesquisa em Educação Física - n. 5,6 e 7. Dez. 1994. p. 34-46.

KISHIMOTO, T. **Jogos tradicionais infantis: o jogo, a criança e a educação.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

KUNZ, E. **Educação Física: Ensino & Mudanças.** 2 ed. Ijuí: Unijuí, 2002.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte.** Ijuí: UNIJUÍ, 1994.

LOMBARDI, Lucia Maria Salgado dos Santos. **Jogo, brincadeira e prática reflexiva na formação de professores.** 195f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, SP, 2005.

LÜDORF, Sílvia Maria Agatti. **Panorama da pesquisa em educação física da década de 90: análise dos resumos de dissertações e teses.** Revista da Educação Física/UEM, Maringá, v. 13, n. 2, p. 19-25, 2. sem. 2002.

MEDEIROS, Gertruder Knihs. **O Ensino Centrado no Aluno e suas Relações com o Desempenho e a Criatividade.** Tese (Mestrado Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1977.

ORLICK, T. **Vencendo a competição.** São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

PAULA, M. V.; FYLYK, E. T. **Educação física no ensino médio: fatores psicológicos.** Artigo PUC-PR. Disponível em: <http://www.ensino.eb.br/portaledu/conteudo/artigo8323.pdf>, Acesso em 09 set. 2009.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança, imitação, jogo, sonho, imagem e representação de jogo.** São Paulo: Zanhar, 1971.

RAMOS, J. J. **Os exercícios físicos na história e na arte.** São Paulo: Ibrasa. 1982.
THOMAS, J.R.; NELSON, J.K. **Métodos de pesquisa em atividade física.** 3 ed. Porto Alegre, Artmed Editora, 2002.

SBP. SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOMOTRICIDADE. Disponível em: <http://psicomotricidade.com.br/>. Acesso em: fevereiro 2003.

VAYER, Pierre. **A criança diante do mundo.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.